

Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas  
Escola de Educação  
Curso de Pedagogia

Geane  
existem muitas alterações (exatas)  
a fazer. Quanto ao texto  
foi crescendo e a análise dos  
textos dos revisores ficou muito boa  
para seus limites e limites da  
monografia de final de curso de  
licenciatura em pedagogia.  
aconselho a fazer as modificações  
anotadas inclusive a falta  
da pág. 15, que não pode ser

Por enquanto a falta  
8,0 (oit)

# Educação Sexual e Sexualidade no Discurso Pedagógico

por

Você deve perguntar  
a Gilda se pode  
ter maior prazo e  
pedir ao seu digitador  
melhoria do trabalho.

GEANE BARROS COSTA

Rio de Janeiro  
1997

7/ Ter  
nota 9,5 ou quem  
pale diz

GEANE BARROS COSTA

**EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NO  
DISCURSO PEDAGÓGICO**

Monografia apresentada à Escola  
de Educação da Universidade do  
Rio de Janeiro como requisito  
parcial à obtenção do grau de  
Licenciatura em Pedagogia

Rio de Janeiro  
UNI-RIO  
1997

Universidade do Rio de Janeiro - (UNI-RIO)  
Centro de Ciências Humanas - (CCH)  
Escola de Educação  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia  
Disciplina: Monografia

REITOR: Hans Jurgen Fernando Dohman

VICE-REITOR: Regina Lugarinho

DECANO: Maria Teresa Wiltigen Tavares da Costa Fontoura

DIRETORA: Janete de Oliveira Elias

PROFESSORA DISCIPLINA: Gilda Maria Grumbach de Mendonça

PROFESSORA ORIENTADORA: Maria Amélia S. Reis

ALUNA: Geane Barros Costa

# SUMÁRIO

	<i>Página</i>
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 - ALGUNS REFERENTES SOBRE SEXO, EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE	05
1.1 - QUANTO AO QUE SE DIZ SOBRE SEXO	06
1.2 - COM RELAÇÃO À SEXUALIDADE	07
CAPÍTULO 2 - O DISCURSO PEDAGÓGICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EM REVISTAS NÃO-CIENTÍFICAS	11
CONCLUSÃO	22
BIBLIOGRAFIA	25

DEDICO ESTA MONOGRAFIA A MEUS PAIS, GELSON PONTES COSTA E ANA MARIA DA SILVA BARROS, QUE TANTO AMO E ADMIRO, E QUE ME DERAM O QUE FALTA A MUITOS FILHOS: AMOR, CARINHO, DEDICAÇÃO, COMPREENSÃO, EDUCAÇÃO, APOIO, FORÇA, ENTRE OUTRAS COISAS. A BASE DE TUDO QUE SOU, PENSO E CONSIGO, DEVO A MEUS PAIS. SEM SEU APOIO, EU NÃO HAVERIA CONSEGUIDO.

## AGRADECIMENTOS

A MEU PAI, QUE CUMPRIU SUA MISSÃO NESSE MUNDO E ME MOSTROU QUE DEVEMOS ACREDITAR EM NOSSAS CAPACIDADES E LUTAR POR NOSSOS SONHOS. HOJE, JUNTO A DEUS, SEI QUE ESTÁ FELIZ POR VER MAIS UMA ETAPA ALCANÇADA EM MINHA VIDA.

À MINHA MÃE, QUE TANTO ADMIRO POR SEU ESPÍRITO BATALHADOR. UMA MULHER QUE REDOUBROU SUAS FORÇAS NOS MOMENTOS MAIS DIFÍCEIS E SE MANTEVE DE PÉ.

ÀS PROFESSORES MARIA AMÉLIA S. REIS, MARTA ALKMIN, GILDA MARIA G. MENDONÇA, JANETE DE OLIVEIRA DIAS, E TODOS OS OUTROS PROFESSORES QUE FORAM BASTANTE COMPREENSIVOS; MINHA SINCERA GRATIDÃO POR SUA "PACIÊNCIA", APOIO E ORIENTAÇÕES.

AO PROFESSOR MARIO CHAGAS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, POR SUA COLABORAÇÃO.

A MEUS AMIGOS, COLEGAS E TODOS QUE PASSARAM PELA MINHA VIDA ACADÊMICA, QUE MUITO ME AJUDARAM, O MEU MUITO OBRIGADA.

E, SOBRETUDO, A DEUS, QUE ME DEU O DIREITO À VIDA PARA QUE EU PUDESSE APRENDER, ALCANÇAR MEUS IDEAIS E AJUDAR AOS QUE PRECISAM.

Universidade do Rio de Janeiro - (UNI-RIO)  
Centro de Ciências Humanas - (CCH)  
Escola de Educação  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

## DECLARAÇÃO

O presente trabalho monográfico sob o título - **EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NO DISCURSO PEDAGÓGICO**, elaborado por **GEANE BARROS COSTA** como requisito parcial a obtenção do grau em Licenciatura em Pedagogia foi avaliado pelos professores abaixo com suas notas respectivamente discriminadas.

Rio de Janeiro,

\_\_\_\_\_  
Gilda Maria Grumbach de Mendonça

\_\_\_\_\_  
Nota

\_\_\_\_\_  
Nota

\_\_\_\_\_  
Nota

# INTRODUÇÃO

As questões sobre sexo e sexualidade estão cada vez mais presentes em vários espaços da sociedade moderna. Tais temas vêm sendo discutidos e explorados a todo momento, seja nos meios de comunicação - nas novelas, nas reportagens (principalmente no que diz respeito à violência), até nos desenhos animados, nas rádios, entre outros - espaços de convívio social, nas rodas de amigos, na família e na escola. Enquanto a sociedade se encontra cada vez mais "liberal", a disseminação de idéias falsas ou mal interpretadas se torna um grande problema.

Atualmente, jovens têm sua iniciação sexual cada vez mais cedo, e a falta de orientação (no sentido de dar-lhes conhecimento e subsídios para o desenvolvimento saudável e seguro de sua sexualidade) acaba acarretando uma infinidade de dúvidas, incertezas, ilusões, decepções e desinformações, correndo o risco de ser contribuidores para problemas que poderiam ser evitados, como doenças venéreas, aborto, frustrações, AIDS, a prostituição, o preconceito, entre outros.

Mas será que estamos preparados para dar aos jovens (e por que não pensar, também, nas crianças, que não são assexuadas) uma orientação correta, fundamentada na realidade, e despida de preconceitos e moralismos rígidos?

A princípio tem-se na família, na escola e na igreja os principais berços de desenvolvimento de uma educação sexual. Todas, inseridas em um conceito sócio-econômico-cultural, como produtos e multiplicadores das idéias vigentes em seu meio social.

Percebemos, ainda, que o assunto sexo e sexualidade, embora presente a todo momento nesses espaços de relações sociais, são tratados de forma manipuladora, sob a ótica do puritanismo. Resta, então, àqueles que anseiam pela descoberta das questões sexuais, lançarem-se à exploração do que existe sobre o assunto à sua volta: livros, filmes, revistas e até mesmo histórias (em sua maioria das vezes forjadas) de amigos. Esta é a verdade que não lhes é propriamente permitida, mas conquistada com veemência. O que pode ser explicado até pela privação de algo que mostre o contrário, ou seja, que o que estas fontes apresentam não é bem a verdade e que existe muito mais sobre sexo e sexualidade em sua complexidade do que elas mostram.

Muitos até tentam comunicar-se com os pais ou professores para que eles esclareçam algo sobre o assunto. Só que na maioria das vezes, ao invés da segurança que esperam receber, encontram desvios de assuntos, timidez, repressão e até perplexidade.

Tendo em vista a necessidade cada vez maior de um trabalho educativo que viabilize o acesso a informações corretas e esclarecimentos de dúvidas sobre sexo e sexualidade (desde a infância, passando pela adolescência indo até a educação de adultos), é de imprescindível importância que se verifique o que está sendo feito e escrito em relação à educação sexual e sua propagação nos espaços de aprendizagem, pois, como já enunciado, há cada vez mais problemas na sociedade gerados sobretudo pela desinformação ou informações desvirtuadas sobre as questões sexuais.



*problema* Este estudo se propõe a analisar e discutir o papel ocupado pelas temáticas educação sexual e sexualidade nas discussões pedagógicas presentes nos textos <sup>nao</sup> acadêmicos, sua importância, o papel exercido e o caráter sob o qual vem se apresentando. Essas questões são os princípios básicos para o desenvolvimento de uma postura educacional que permita uma contribuição efetiva àqueles que necessitam esclarecer dúvidas e fornecer informações seguras, tão importantes nesta fase.

O trabalho permitirá, então, através do inventário das questões situadas sobre a Educação Sexual em revistas não-científicas, propor alternativas às questões presentes a partir das dificuldades apresentadas e do que precisa ser ampliado a nível de uma educação sexual voltada para a emancipação que já se constitui como proposta para o mundo real.

No que tange às questões sobre sexo e sexualidade, percebemos que o discurso pedagógico silencia, e se ele assim o faz, pergunta-se: o que há por trás desse silêncio? Que limitações e restrições são encontradas como empecilho ao desenvolvimento de uma crítica pedagógica nos debates em torno dessas questões, fundamentais ao bom amadurecimento do ser humano?

É preciso notar o que está sendo feito com relação à formação de professores, e que os prepare para saber lidar com os questionamentos de seus alunos e a necessidade de uma plena formação - uma formação integral onde a sexualidade tem seu espaço fundamental.

Destacamos ainda a questão relacionada ao material pedagógico disponível sobre o assunto (periódicos); a pressão exercida pela sociedade; pela cultura; pela igreja; a necessidade nessa sociedade atual de meios que possibilitem o desenvolvimento saudável da sexualidade. Tudo isso influi na forma pela qual serão abordados esses assuntos.

E é esta forma que queremos investigar: o que se encontra disponível nesses materiais pedagógicos? Como se apresenta e qual a sua repercussão?

Neste trabalho foi aplicado como metodologia o levantamento e posterior análise de alguns periódicos da área de educação (os disponíveis aos professores de 1º grau, na biblioteca da UFRJ), investigando o que existe, como se fala e do que se fala relacionado à educação sexual nas duas últimas décadas, considerando seus diferentes momentos e o que estes representam.

A década de 70 foi o grande momento da revolução sexual, com homens e mulheres mais livres, a liberação da mulher em busca de direitos iguais - inclusive o de exploração da sua sexualidade. Fase esta respaldada pelo avanço da tecnologia, o aparecimento da pílula como meio anticoncepcional, e a conseqüente diminuição do medo da gravidez.

Os anos 80, com o "boom" da AIDS, ampliando e quebrando as fronteiras dos discursos sobre as questões sexuais, as preocupações acerca dos limites da liberação sexual aumentando, e campanhas de prevenção da doença se espalhando por todo o mundo, alertando para o cuidado na escolha de parceiros, para o uso freqüente de camisinha, para que se façam exames periódicos. A pílula anticoncepcional só já não representa sinônimo de "segurança", quebram-se

os limites da confiança, já que nem mesmo tendo um parceiro apenas se está fora de risco, pois a fidelidade já não pode ser mais considerada um hábito de nossa sociedade.

Já nos anos 90, com a <sup>ocorramentos da</sup> globalização, mudam-se as referências, a quebra de fronteiras das informações, estimuladas pelos meios de comunicação de massa (internet, TV a cabo, ...). abre-se espaço para um pensamento multicultural, o mundo interligado ("on-line"), inclusive no que diz respeito às questões sobre sexo e sexualidade e sua exploração. Estamos próximos a um fim de milênio, e as discussões se ampliam ainda mais, pois é um momento de grande ansiedade, pelo "que vem depois", "o que nos aguarda", "haverá ou não fim?".

Em momento de revisão bibliográfica foram pesquisadas as seguintes revistas pedagógicas:

⇒ Revistas Pesquisadas (anos 70, 80 e 90)

- Educar (Universidade Federal do Paraná de Educação)
- Educação Hoje (Secretaria de Educação do Estado do Piauí)
- Educação em Questão (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Dpto. de Educação)
- Educação Brasileira (Conselho de Reitoria das Universidades Brasileiras) em Brasília - DF
- Educação em Debate (Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará)
- Educação Revista (Instituto de Educação do Rio de Janeiro)
- Educação e Compromisso (Universidade Federal do Piauí - Centro de Ciências da Educação)
- Educação em Foco (Universidade Federal de Juiz de Fora)
- Educação e Sociedade (Unicamp - São Paulo)
- Educação (MEC - Brasília - Esplanada dos Ministérios)
- Revista da Faculdade de Educação (UFF - Niterói - Rio de Janeiro)
- Dois Pontos - Teoria & Prática em Educação (Esplanada dos Ministérios - MEC - DF)

⇒ E o material encontrado sobre o assunto:

1. Dois Pontos, vol. 3, n.º 20 - Verão 94/95 - "Qualidade da Educação - Paradigmas": (reportagem pg. 16) "Gravidez x Evasão"; (artigo pg. 19) "Gravidez na Adolescência"; (artigo pg. 35) "As Proibidas, Controvertidas e Incompreendidas Emoções."
2. Dois Pontos, vol. 2, n.º 16 - Primavera 93 - "Com os Anais do II Congresso Qualidade em Educação": (anais pg. 25) "Sexo também se ensina na escola?", de Vilma de Souza, Ramon Moreira e Gerson Lopes; (pg. 91) "Educação e Prazer".

3. Dois Pontos, vol. 2, n.º 10 - Dezembro/89 - "Saúde e Prazer na Adolescência: a escola diante das questões do sexo e das drogas": (carta ao leitor); (pg. 14) "Sexualidade e drogas"; (pg. 20) "Adolescente, sexo, drogas"; (pg. 24) "Beco sem saída? - A questão da sexualidade bate às portas da escola"; (pg. 27) "A escola deve trabalhar com educação sexual?"; (pg. 29) "Educação Sexual"; (pg. 33) "Didatismos à parte: livro tenta somar vivências e teoria da sexualidade"; (pg. 34) "Programa de Orientação Sexual"; (pg. 39) "Uma Dupla de Peso: Suplicy e Freire querem programa de sexualidade na rede pública"; (pg. 56) "A relação professor-aluno: uma relação erótica?"; (última página - charge)
4. Dois Pontos, vol. 1, n.º 4 - Julho/85 - "Os Rumos da Educação Sexual": (pg. 17 a 52) "Educação Sexual - uma transa contra os tabus".
5. Educação em Debate, vol. III, n.º 3 - 1979 - "Um Estudo Sobre Problemas da Juventude Contemporânea em Escolas de Fortaleza" (pg. 73-90)
6. Educação (MEC), ano 10, n.º 35 - agosto/outubro de 81 (pg. 42-48)

Vale ressaltar que o pouco de material escrito sobre o assunto encontrado remete à questão: por que há tão pouco disponível sobre o assunto? O que há por trás disto? Como apontado no início desta introdução, o discurso pedagógico silencia, e torna-se necessário seguirmos o estudo não só calcados no material presente, talvez a grande questão se encontre exatamente no que não há, no não-dito, no aparente descomprometimento pedagógico com as questões levantadas aqui, e no que esta ausência implica.

Apenas outra observação, que deixamos por enquanto para futuro aprofundamento: o material encontrado faz parte de revistas de manuseio do professor, não-acadêmicas. E o que significaria então este não comparecimento das revistas pedagógicas acadêmicas frente à evolução das discussões sobre a educação sexual e a sexualidade no Brasil?

# CAPÍTULO 1

## ALGUNS REFERENTES SOBRE SEXO, EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE

Não podemos discutir educação sexual, sexo e sexualidade sem antes procurarmos saber o que significam tais termos. Quais suas definições (se é que existem conceitos definidos sobre eles), ou seja, o que se entende por esses temas hoje?

É necessário atentar para o fato de que a idéia que subjaz ao pensamento e se faz de um assunto é primordial e base para o desenvolvimento do mesmo, pois como todo conceito se inscreve social, política e historicamente.

Assim sendo, o inventário desses conceitos permite melhor reflexão sobre suas influências e atuações na vida em sociedade.

O que se pensa sobre sexo, sexualidade e educação sexual na família, na escola, na igreja e na sociedade como um todo vem de uma herança cultural e que atua diretamente em nosso comportamento?

Nota-se que não há um conceito de educação sexual que seja comum a todos, cada um tem uma idéia diferente, ou ainda, idéia nenhuma. Há aqueles que simplesmente adotam um pensamento, uma teoria defendida por certo autor e assimilada acriticamente. Na maioria das vezes tal pensamento e/ou teoria se encontra descontextualizada, descompromissada, difusa, indireta, perdendo-se em palavras desconexas, não expressando algo realmente concreto, coerente, não levando à construção crítica de um conhecimento, que seja fruto de uma participação ativa, o que é de suma importância. Encontramos, até, "conceitos" de educação sexual que nem mesmo chegam a falar sobre sexo ou sexualidade! Desconversa, dá voltas e não toca diretamente no assunto, o que é estarrecedor!

E o que há, então, por trás desta ausência, deste silêncio?

⇒ Sobre a Educação Sexual

A educação fundamental (básica, escolar) a que estamos habituados já sofre grandes empecilhos, o mesmo ocorre com o desenvolvimento da sexualidade nas sociedades, só que em proporções bem maiores.

Base para o desenvolvimento pleno do ser humano e da sociedade, núcleo de construção e transmissão de conhecimento através dos tempos, seja na escola, na família, na igreja ou em outros espaços de convívio social, a educação, apesar de seu indiscutível e imprescindível valor, sofre grande desvalorização, o que se estende também a seus profissionais.

É triste e contraditório que sendo fundamental e comum a todos acabe tão esquecida e desprezada. O contexto brasileiro desta situação nos põe em sinal de alerta. Educar hoje, no Brasil, é tarefa difícil e que requer perseverança, ou até mesmo mudança.

“Por que falar em educar para o sexo ou educar para a sexualidade de forma mais ampla? Por que falar em educação sexual? Se na prática educativa está pressuposto que alguém educa outro ou outra e se quem educa, educa para alguma coisa, pois se considera que a educação não tem um fim em si mesma, para que educar para o sexo ou para a sexualidade especificamente? Será o sexo algo dissociado ou mesmo dissociável do ser integral que necessite se educar com exclusividade para ele? Ou teria ele tanta importância particular que justifique uma educação especialmente elaborada, didática e pedagógica exclusiva?” (GIDDENS, 1983)

(REIS, 1992)

### 1.1 - QUANTO AO QUE SE DIZ SOBRE O SEXO

Segundo Michael Foucault, sexo se define como “o núcleo onde se aloja, juntamente com o dever de nossa espécie, nossa verdade de sujeito humano” (1984, p229). Desde então o sexo é visto como algo a vigiar, intemperar e transformar em discurso, já que aparece incessantemente associado à salvação eterna (citado por REIS, 1992).

No século XVIII, Malthus propôs, em sua teoria, a redução da taxa de mortalidade como estratégia para diminuir as populações marginalizadas. O sexo é assim utilizado como instrumento para identificação e reconhecimento das “gentes superiores”, enquanto corpo específico de classe, com saúde, higiene, sexualidade e “raça” distinta. Daí a ênfase controlista ao corpo e particularmente ao sexo para a classe hegemônica que se formava.

A partir do século XIX, a educação para o sexo se realiza através de múltiplos mecanismos de sexualização, que penetram nas classes em três etapas sucessivas: em torno da natalidade, da família canônica e do controle judiciário e médico das perversões em nome da proteção social e radical.

Entre inúmeras controvérsias e ambigüidades, constrói-se uma moralidade em permanente conflito ente a recusa ao prazer sexual, marca indubitável do cristianismo, e a permissão da cópula matrimonial. Castidade ou casamento fixaram-se, pois, como as únicas opções adequadas a uma vida cristã (Lima, 1996)

citacão ???

Segundo o SIDA (Swidsh International Development Association) em 1974, na América Latina, sexo e sexualidade se constituem em “dimensões capazes de provocar desajustes afetivos e sexuais, com sociedades onde os homens são machistas e as mulheres, submissas e ignorantes.

Neste caso, a Educação Sexual deve passar pelo estabelecimento de relações interpessoais harmônicas em que não se admitam os conflitos entre os diversos membros da família.” (Reis, 1992)

Esta é uma visão individualizada e reduzida da sexualidade e da sociedade, não se preocupando com as relações possíveis entre estas em sua totalidade, porém uma visão facilitadora de conjuntura econômica que subverte o homem e a mulher aos caprichos do lucro e do mercado.

Na escola, quando a matéria é sexo, estamos educando ou orientando? A educação sexual se limitaria a informações sobre reprodução, às formas de evitá-la, às funções dos órgãos sexuais e a algumas incursões nos campos da psicologia e das patologias? Ou se ampliaria numa educação para a vida, libertadora, capaz até mesmo de revolucionar as sistemas educacionais existentes?

## **1.2 - COM RELAÇÃO À SEXUALIDADE**

Sabemos que a ignorância é obstáculo para que o ser humano consiga viver sua plenitude, para que ele seja feliz. E quando o assunto é sexualidade, essa dificuldade passa a ser mais séria a mais complexa.

A sexualidade associa-se desde a sua origem à repressão, na maioria das vezes se restringindo à doença e à interdição.

Para Foucault ela é entendida como “um conjunto de efeitos produzidos nos comportamentos, nos corpos, nas relações sexuais, por mecanismos e técnicas complexas, sobre o homem e sua emoção, agindo, fundamentalmente, sobre a mulher, a criança e o adolescente” (REIS, 1992).

Assim, não podemos vê-la distanciada de todo processo político educativo global, posto que inserida num processo maior de construção da cidadania.

A ênfase dada atualmente à sexualidade, principalmente pelos meios de comunicação de massa, com a alavanca do erotismo, é apenas culto ao corpo e consumismo. Pouco se aborda a importância emocional do contato humano. Há vigência de reprodução de estereótipos sexuais repressivos, de preconceitos e tabus.

Nosso corpo, que deveria ser o lugar da nossa vida onde o prazer pudesse ser mais intenso e gratificante, é o que mais sofre com esses condicionamentos.

por “A sexualidade intrinsecamente determinada  
condicionamento socio-econômico-culturais,

passa a contribuir para a superação do caráter liberal da educação escolar, que traz em si a intenção subjacente de preservar a ordem social, em harmonia com os padrões dominantes, desconsiderando os conhecimentos que a multiplicidade cultural das crianças das camadas populares trazem para a escola, e que são obrigadas a desprezar.” (REIS, 1992)

A intervenção do Estado nas ações educativas relativas à sexualidade visam apenas os interesses exclusivos de controle da massa popular do Terceiro Mundo e sujeição de suas classes dominantes específicas com a finalidade de acelerar a acumulação do capital internacional e sua reprodução com a maior segurança possível.

*2 citações que participam do texto* Porém, ainda que com sua ação autoritária, centralizadora e impeditiva do avanço social e político em direção aos interesses da maioria da população brasileira, o Estado diante da dinâmica da pressão e das negociações estabelecidas pelos movimentos organizados, tem sido forçado a assumir compromissos e tomar soluções concretas às reivindicações populares, verificando-se a partir daí, mudanças qualitativas no que tange ao discurso da racionalidade moderna. Fato que tem possibilitado avanços significativos ao trabalho educativo com a sexualidade.

Vemos, então que as questões relativas à sexualidade, encontram-se num contexto de pressão (e repressão) constantes, tendo a sua importância ofuscada, o que impede o seu bom desenvolvimento.

Sexualidade enquanto conteúdo de ensino possibilitará evidenciar, com mais clareza, a situação de opressão e indignação a que é submetida grande parcela da população brasileira. (REIS, 1992)

Certas posturas delimitam atualmente o desenvolvimento de um trabalho eficaz em educação sexual, dentre elas:

- silêncio da escola sobre assuntos relacionados às questões sobre sexo e sexualidade;
- negação da existência destes;
- mutilação das representações das crianças;
- estratégia de negação de corpos e sensações;
- opressão;
- definição de modelos de comportamento cada vez mais minuciosos (fala-se tanto que restringe-se muito).

Como vemos, a educação sexual ainda é alvo de falsos moralismos e preconceitos, baseados num comportamento arcaico da sociedade, numa herança cultural ultrapassada, onde o

silêncio sobre as questões sexuais é visto como respeito indubitável, tanto de aspectos da personalidade quanto de problemas que estejam relacionados ao assunto em questão. Este quadro acaba por dificultar as soluções positivas e reconhecimento e definição da identidade das pessoas e entre elas, não sendo este o único problema que pode acarretar. Já percebemos anteriormente que o bom desenvolvimento da sexualidade, desde a infância, é essencial para o desenvolvimento pleno e sadio (enquanto saúde física e mental) do ser humano.

Nos diferentes discursos (ou no não-dito, silenciado), os conceitos implicam e dissimulam, ocultam e revelam reflexões que têm implicações sob a construção subjetiva e coletiva, ao mesmo tempo que favorecem a formação de estereótipos sexuais.

A educação sexual não é encarada em sua totalidade, reduzindo-se a informações de caráter puramente biológico e reprodutivo. É um conhecimento válido, mas muito reduzido, posto que destituído da complexidade das relações sociais.

Ainda encontramos, nas escolas, dificuldades para implantação de uma educação voltada ao desenvolvimento da cidadania plena, o que significa minimizar os poderes de todos. O mesmo ocorre dificultando o aproveitamento da educação sexual enquanto instrumento da libertação e valorização da massa popular explorada e, hoje, subjugada.

Vem crescendo o interesse de todos os que constituem o cotidiano da escola por uma educação sexual que, efetivamente responda aos anseios de crianças por conhecimento e uma melhor qualidade de vida. Vem o sexo a desvelar-se, a partir dos discursos que se tornam explícitos, inquietantes e questionadores.

A educação sexual, atualmente, ~~em geral~~ aparece como um “livro de técnicas”. Segundo REIS (1992):

**“a nível escolar, é desenvolvida nas ciências biológicas, propondo primeiramente às crianças mais jovens e tidas como assexuadas, comportamentos de higiene e asseio corporal de forma individualizada, abstrata e genérica, com a apologia de regras aplicáveis a qualquer grupo social e a qualquer sociedade. Trazem ainda uma idéia de que eles são sempre responsáveis pelas más condições em que vivem, deste modo, escamoteando-se as condições reais, geradoras de saúde e cidadania, que passam a ser ignoradas por uma educação normatizadora e domesticadora, além de fundamentalmente autoritária.”**

Continuando ainda com REIS (1992), a sexualidade nos programas de ensino surge, mais tarde, para os pré-adolescentes, escondida e subentendida na reprodução de plantas, animais e do homem. Não se fala do seu prazer, de sua vida completa, mas do consumo. Este sim, critério para a satisfação das necessidades básicas.



Observa-se que a educação sexual se baseia na concepção de que as massas populares devem ser controladas, e que o controle social e político deve ser exercido para conter toda ordem de doenças, moralidades e desordens onde se inclui o aumento indiscriminado da população, leia-se mais pobre, este fato considerado de forma invertida, como elemento fundamental das desigualdades sociais.

O papel da educação sexual no Brasil, hoje, se limita ao controle da proliferação das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), do aborto, nascimento de filhos ilegítimos, basicamente, estando voltada para o controle social da população atualmente, servindo de justificativa e legitimação para a elaboração de políticas públicas de educação e saúde controlistas escondidas sob a fórmula de planejamento familiar.

Falar de sexualidade é um desafio. Ouvir sobre o sexo de nossas crianças e adolescentes é outro desafio que só se efetiva na ação dialética de ouvir, falar e aprender a totalidade de ser educador e educando simultaneamente.

Vale lembrar, ainda, que as instituições religiosas não apóiam tal prática. O receio e os preconceitos culturais que indicavam a família como única detentora do saber e respeito, em tempos de autoritarismo, impediram os legisladores de ir ao encontro dos propósitos de muitos, pelo menos garantindo informações úteis aos adolescentes.

“Urge falar de uma educação sexual que seja integrada ao processo histórico e global de educar a tratada com responsabilidade e relacionada à natureza humana. É preciso, no entanto, estarmos alertas para que não ofereçamos regras e valores morais e éticos, ou mesmo, ditarmos conceitos e saberes prontos exteriores ao grupo, sem que os mesmos possam ser analisados e avaliados criticamente. O que é necessário é possibilitarmos uma educação que favoreça a construção da consciência de suas responsabilidades nas opções a serem tomadas por eles.”  
(Parker, Barbosa, 1996)

citacão?

A participação ativa de crianças e jovens na construção de seus conhecimentos e valores visa uma educação autêntica, eficiente e eficaz, onde dúvidas possam ser discutidas e esclarecidas, para que no futuro essas pessoas possam saber lidar com as mais variadas situações ligadas a) sexo e sexualidade, evitando maiores problemas como frustrações, doenças, entre outros, contribuindo não só para a saúde física, mas também para a saúde psíquica.

## CAPÍTULO 2

### O DISCURSO PEDAGÓGICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EM REVISTAS NÃO-CIENTÍFICAS

Passamos agora ao estudo do que foi encontrado nas revistas pedagógicas "não-científicas" pesquisadas. Os temas trabalhados, bem como sua forma de discutir o assunto, poderão dar subsídios à análise das idéias sobre Educação Sexual e Sexualidade que permeiam as vias educacionais hoje.

É um absurdo admitir que um tabu seja mantido na sociedade quando ele se torna um empecilho ao seu desenvolvimento e ~~(isto)~~ causa da sua decadência.

O assunto sexo, no Brasil e em outros países no mundo atual, ainda se constitui como algo intocável e proibido para determinadas pessoas e grupos sociais, em diversas situações.

Entretanto, a sexualidade, de algum jeito, faz parte da afetividade humana e é de suma importância para a formação da subjetividade das pessoas e a construção das sociedades contemporâneas - para não falar da imprescindibilidade do sexo para a perpetuação das espécies.

Embora exista algo de herdado, a sexualidade é construída historicamente, e, assim, passível de educação, podendo <sup>ser</sup> bem ou <sup>mal</sup> educada. *dependo dos valores a ela imputado.*

Nem todos têm a oportunidade de se informarem adequadamente sobre sexo no seio de suas famílias, ou de instituições. Alguns, padecendo de alguns distúrbios de personalidade, buscarão sua cura nos consultórios dos terapeutas.

Como essas distorções se formam desde os primeiros anos de vida, torna-se necessário que a quebra de tabus e preconceitos seja atacado já na infância, através de programas de educação, na família e na escola.

No artigo "Uma Transa Contra os Tabus", a sexóloga baiana Gilda Fucks diz que:

**"toda educação, quando bem dada, torna o jovem mais consciente e alerta. As situações de homossexualidade e as possíveis gestações não podem ser evitadas de todo, mas podem ser diminuídas na adolescência. A educação sexual evita diversas situações de conflito interno causado pelo sexo, porque ele passa a discuti-las com naturalidade. Se não encontra abertura para tanto em casa, debate em casa, debate no colégio com o professor ou com o**

orientador, mas não fica isolado no seu mundo.”  
(Dois Pontos, p.17)

*O que é a educação sexual? Bem dada!*

Fucks chama atenção para a necessidade de uma educação sexual e sua importância; e que esta educação deve ser bem dada, *mas é...* o que podemos entender enquanto qualidade não só do que é ensinado, mas também de como é ensinado. A educação sexual deve ser tratada com coerência, isto é, de acordo com a realidade da sociedade onde é praticada.

É importante também que haja um comprometimento sério dos responsáveis por esta educação, para que realmente se atinja bons resultados. Para tanto, é imprescindível que esses educadores adquiram conhecimento do que representa o desenvolvimento da sexualidade e do sexo para seus alunos.

O artigo “Gravidez x Evasão” (Rev. Dois Pontos: 16) fala da questão da maternidade precoce, que acontece com frequência a diversas adolescentes em fase escolar, sendo um dos alvos principais que devem ser atingidos por uma educação sexual.

Como orientar essas alunas? O que dizer a elas? Para as jovens que passam por uma gravidez, ao mesmo tempo, que desenvolvem seu amadurecimento, em plena adolescência, é muito difícil permanecer na escola. Sua família, seus colegas, e até mesmo seus professores, na maioria das vezes estão ainda menos preparados do que ela para lidar com tal situação.

**“A maternidade no período estudantil entre as meninas da classe média acarreta não somente a evasão escolar, mas a repetência também. A adolescente, mesmo tendo suporte familiar para voltar à escola, algumas vezes não consegue estar readaptada ao ambiente de aprendizado, (...) ela perde o interesse, fica deslocada. Sua atenção está voltada para a outra fase de sua vida. Além disso, a adolescente-mãe, mesmo que não esteja essencialmente adulta, passa a ver as companheiras de estudo como mais infantis que ela.”**

**(Afonso apud Gravidez x Evasão: 17)**

Neste mesmo artigo, Afonso alerta para a ausência de estatísticas e estudos científicos que permitam um diagnóstico da questão da maternidade precoce. Tal fato dificulta a construção de um forte referencial que ajude a solucionar o problema “na medida em que desperta a sociedade”. (op cit)

*ou para?*

Não podemos, porém, esquecer que o desenvolvimento de uma educação sexual pode ajudar a evitar uma gravidez precoce, informando sobre métodos anticoncepcionais, os riscos que se pode correr numa gravidez, entre outras coisas.

O artigo defende ainda a participação da escola e a postura da família como alguns itens da educação sexual, uma vez que existem casos de escolas que apóiam a menina quando enfrenta uma maternidade precoce no sentido de zelar pela continuidade do aprendizado, enquanto a família prefere a ausência escolar, simplesmente por estar envergonhada daquela situação.

O papel desempenhado pela família nesses casos, mesmo quando demonstra total solidariedade, inclusive mantendo a filha na escola, nem sempre é o mais acertado. É uma situação completamente confusa. Há casos em que a mãe da adolescente praticamente assume o neto como filho, para que a filha tenha tempo e disposição para o estudo.

O pai da adolescente geralmente está distante e, nesse contexto todo, muitos mandam na criança e, sem limites, ele passa a não ter referências.

*Qual criança? O pai ou a adolescente?*

Ainda neste artigo, a ginecologista e sexóloga Marcia Virgínia Aguiar diz que, apesar de hoje dominarem informações suficientes para viver a sexualidade com segurança, as adolescentes que engravidam precocemente não sabem o porquê disto acontecer.

O fato de as adolescentes saberem como engravidar e conhecer métodos anticoncepcionais não impede, por si só, a chegada à armadilha chamada pelos sexólogos de "pensamento mágico".

**"As adolescentes acionam o mecanismo mágico de que não ficaram grávidas para negar o início da vivência sexual (...) 50% das gestações de adolescentes foram provenientes da primeira relação sexual."**

**(Aguiar apud Gravidez x Evasão, pg. 17)**

O tema abordado neste artigo revela um dos problemas mais sérios ocasionados também pela falta de uma educação sexual. Há ainda outros que merecem atenção.

No material pesquisado, podemos encontrar algumas considerações bastante relevantes relativas a estes problemas.

Há também relatos interessantes e sugestivos, como o da experiência inovadora em educação sexual, feita na Cidade do México e na Guatemala; que se encontra no artigo "Os Grilos da Puberdade", ainda na revista Dois Pontos.

Neste, o gaúcho Heitor Heintschel conta que os psicólogos destes lugares estão levando esclarecimentos sobre sexualidade a adolescentes líderes nas comunidades, e estes transmitem o que aprendem aos colegas.

**“Os primeiros resultados indicam que houve uma melhoria significativa na diminuição do número de doenças venéreas e no de gestações. A idéia básica é que os jovens têm mais facilidade de dar explicações a um colega do que um adulto.” (Heintschel apud Os Grilos da Puberdade, pg. 20)**

A citação de experiências como esta, no discurso pedagógico, significa muito, pois a partir de estudos desses resultados pode-se chegar a uma proposta de educação sexual brasileira que realmente se comprometa com sua sociedade.

Já no artigo “Como Nossos Pais”, da mesma revista encontramos a polêmica dos meios de comunicação e seu estímulo incessante à prática sexual, apontando que, apesar disso, adultos e adolescentes sentem-se fazendo algo que não devem.

Neste, Darcy Raiça e Senira Fernandes relatam seus estudos com meninas da Grande São Paulo, realizados nas escolas públicas da periferia e nas da alta sociedade.

As autoras concluíram que todas as classes, indistintamente, possuem meninas que mantêm relações sexuais com namorados e amigos. Apenas metade destas têm namoro firme. Segundo elas, o maior índice de adeptas a essa práticas é encontrado na classe média alta, vindo em seguida os favelados e custodiados pelo governo.

Raiça e Fernandes revelam que:

**“Se levarmos em consideração o total de adolescentes pesquisadas, veremos que o índice das que declararam manter relação sexual é de apenas 13% em média. Este número cresce para 22% quando a pergunta é se elas mantêm relações íntimas com alguém do sexo oposto. Mas se esta pergunta é feita às jovens de classe média alta, o índice passa a ser de 40%.” (op cit, p 18)**

Ainda na mesma pesquisa, encontramos dados relativos a métodos anticoncepcionais, que revelam ser a interrupção do coito a forma mais usada para se tentar evitar uma gravidez, o que é extremamente perigoso, visto que já é comprovado que a margem de segurança deste método é muito pequena. Em segundo vem o uso da pílula e, em terceiro, o preservativo masculino. A tabelinha, único método aprovado pela Igreja Católica, vem em quarto lugar.

Estudos como este podem contribuir bastante para a formação de um projeto em educação sexual, posto que retrata a realidade de nossa sociedade.

Onde está a página 15 ???

promiscuidade e de um estilo de vida libertino e possíveis conseqüências indesejáveis, como a gravidez e o aborto. Raíça e Fernandes rebatem: irresponsabilidade sexual não é atributo exclusivo dos adolescentes e não há nenhuma evidência de que as pessoas promíscuas ou libertinas o sejam por terem ingressado precocemente na vida sexual." (op cit)

Os pais preferem que pessoal especializado ou professores treinados ministrem educação sexual na escola. Eles concordam que aspectos biológicos podem ser mostrados em sala de aula, mas sem formalidades.

As autoras referidas ainda sugerem que o educador sexual deve ser o professor de Ciências Biológicas, por este conhecer a anatomia e a fisiologia. Admitem ainda a necessidade da co-participação de outros professores e profissionais.

Será este o professor efetivamente mais indicado? Conhecer teoricamente o corpo humano não se constitui em questão primordial à realização de um trabalho com a sexualidade de adolescentes.

Quanto à visão da escola sobre o assunto, no artigo "Os Grilos da Puberdade", ainda na revista Dois Pontos, a sexóloga Maria Helena Matarazzo diz que:

**"a idéia de muitos diretores de escola é que com uma palestra sobre sexo por ano eles podem ir dormir tranquilos. A declaração denuncia a postura simplista de alguns educadores. A partir daí passou-se a defender a necessidade da educação sexual nas escolas de 1º. e 2º. graus."**

O fato é que os filhos estão descobrindo a sexualidade cada vez mais cedo. Os adolescentes não encontram as explicações de que precisam, nem dos pais, nem dos professores. Os meninos têm mais facilidade para descobrir a sexualidade. As meninas levam mais tempo porque não são incentivadas pelos pais.

Assuntos como ejaculação noturna, masturbação, virgindade e o grau de intimidade a que se deve permitir o namoro ficam sem explicação para os adolescentes. O grande drama que decorre daí é a educação sexual sem nenhuma preocupação ou precaução.

Segundo Matarazzo, as turmas têm que ser mistas. Meninos e meninas devem ouvir as mesmas coisas, pois eles vão ter que se entender.

Para a psicóloga Daisi Brandão, segundo o artigo "Médicos e Doentes" (mesma revista), os dois primeiros repressores da sexualidade são a família e a escola. Em casa, convivendo mal com a sua sexualidade, os adultos passam sua vivência para as crianças. Nas escolas, crianças e adolescentes não recebem orientação sobre sexo, exatamente por isso, os profissionais de saúde, mais do que outros, teriam que se preparar para acompanhar as mudanças.

Novamente nos deparamos com a idéia de educação sexual sob responsabilidade daqueles que detém informações sobre biologia, ou medicina, que conhecem o corpo humano e por isso, poderiam dar melhores informações "técnicas" aos alunos. Será este o caso? Onde ficam os educadores e professores? Informações técnicas sobre o corpo humano e suas funções não garantem, sozinhos, uma boa educação sexual. Sexualidade está muito além disso, é *alicerce* comportamento, modo de viver em sociedade e se relacionar. É preciso oferecer aos alunos mais do que as Ciências Biológicas podem dar.

A adoção da educação sexual nos currículos escolares gera opiniões diferentes.

Por enquanto, sexo ainda é tema apenas para painéis e conferências. O que não deixa de ser importante,

**"porque quando se discute a sexualidade em congressos, estamos fazendo uma socialização de um assunto que foi restrito e reprimido durante muito tempo, e precisa ser discutido para que um dia se torne algo natural" (Fucs apud Médicos e Doentes, pg. 26)**

O jovem só é atendido em seus questionamentos sobre as questões sexuais se tiver coragem de vir perguntar ao psicólogo do colégio ou ao orientador educacional. O professor, de maneira geral, não dá ouvidos às perguntas sobre o assunto. Quando resolve respondê-las, nem sempre o faz com o respeito, a profundidade e a seriedade que o assunto merece. Além disso, o mais comum é não se encontrar *suas* devidamente preparado para dar tais ensinamentos, perdendo-se, então, oportunidades preciosas de orientar e cultivar a sexualidade dos alunos.

O assunto Educação Sexual ainda é tabu para muitos diretores, orientadores educacionais e psicólogos. Como consequência, continuam os nossos jovens, nossos filhos, aprendendo de maneira errada e deturpada os ensinamentos para a vivência de uma área tão importante da personalidade e identidade humanas.

*bsm* O estudo do discurso pedagógico existente nas revistas não-científicas revela a necessidade de uma definição mais precisa do que significa educação sexual e quais os seus fins, para que se possa trabalhar com idéias e objetivos que sejam coerentes e comuns a todos. Segundo Nilton Machado na revista Dois Pontos, artigo "Pais e Filhos Juntos", algumas questões são pertinentes:

**“Como ficamos ao vermos jovens passarem por nossas mãos, anos após anos, sem que façamos alguma coisa para que eles se integrem à sua sexualidade de maneira tranqüila e sem traumas na sua personalidade e no seu modo de viver? O que estamos fazendo para que eles vivam menos angustiados sexualmente? Como pretendemos melhorar a imagem humana e o próprio homem como pessoa e ser sexuado que é, se nada fazemos para que a criança, o jovem ou o adulto tome pleno conhecimento da evolução da sua sexualidade, para que possa vivenciá-la em sua plenitude e ser feliz? O que a nossa sociedade tem feito de prático e positivo para educar no campo da sexualidade? Os meios de comunicação de massa têm prestado um serviço ou um desserviço à população neste assunto?”**

**Existe uma programação sistemática de ensino dessa matéria no currículo escolar? Se não existe, porque? Quando existe, estamos apenas informando ou verdadeiramente mediando na construção da sexualidade do aluno? Impomos a ele os nossos pontos de vista do vivenciar a sexualidade, da nossa própria conduta ético-moral - nem sempre a melhor ou a mais correta - de procurarmos apresentar-lhes os ensinamentos e os fatos evolutivos de maneira livre e aberta, sem dirigi-lo ou forçá-lo? Estamos em condições de orientá-lo de maneira isenta, mas com responsabilidade e profundidade?” (Será que se pode ser isento ou neutro nesse processo?) “Devemos dar-lhe um padrão moral e ético da sexualidade ou apenas informações técnico-científicas, como se faz a um computador? Podemos fazer tudo isso sem chocá-lo e sem oprimi-lo? Estamos dispostos a aceitar suas críticas sobre o nosso próprio modelo sexual e sobre como a nossa sociedade encara o vivenciamento da sexualidade nos dias de hoje?” (Machado, pg. 28)**

Neste trecho do artigo “Pais e Filhos Juntos”, da revista Dois Pontos, encontramos as principais questões que permeiam o discurso pedagógico sobre Educação Sexual, e nas quais se deve basear a construção de uma prática neste campo de ensino.

É a importância que a pessoa dá ao aprimoramento das suas próprias emoções, desejos e sentimentos, bem como para a educação e autodomínio dos seus instintos, incluindo o desenvolvimento de sua própria sexualidade, o que verdadeiramente, irá diferenciá-lo dos seres irracionais do nosso mundo.



E os jovens? O que eles querem? Segundo Machado (Pais e Filhos Juntos, pg. 29) comprovou-se que os jovens “desejam, pedem e apóiam toda e qualquer iniciativa que os oriente neste campo de vida”. Eles são realmente ávidos de informações e de formações no campo da sexualidade. Mas, diz Machado, “preferem que isso seja feito em forma de discussão aberta.” (op cit, pg. 29)

Até mesmo os pais, que antes repreendiam o assunto nos colégios, hoje em dia são os primeiros a reclamar. Têm medo de que seus filhos fiquem sem parâmetros éticos e morais.

Todos alegam precisar do apoio da sociedade e do governo para efetivamente iniciarem a orientação e a educação sexual de seus alunos.

O médico Jean Claude Nahoum diz que sexo não se ensina, “tem que ser vivido e experimentado” (Nahoum apud A proposta do Pitágoras, p 30). Porém é preciso debater e discutir o sexo com os alunos, porque os meninos têm uma visão diferente e não aceitarão uma proposta já pronta e acabada.

Com relação à homossexualidade, Fucs, em “Ser Gay não é Ser Tão Alegre”, da revista Dois Pontos, revela que as famílias costumam reagir de três maneiras quanto à homossexualidade de um dos seus integrantes:

**“há os que aceitam e ajudam, estes constituem uma minoria. Há ainda aqueles que agridem e expulsam da casa e, por último as que preferem tapar o sol com a peneira.”**  
(p 22)

Desse modo, podemos perceber que não só os jovens se encontram despreparados para lidar com tais questões, mas também suas famílias, as gerações anteriores, o que pode ter conseqüências graves para a formação de seus filhos.

O assunto homossexualidade, porém, só aparece neste artigo, o que revela um preconceito no discurso pedagógico. É grave falar pouco de uma questão tão importante por sua presença grande nos dias atuais. Diante da disseminação das DST's, da AIDS, e outros problemas, é um erro enorme distanciar o discurso sobre educação sexual do fato, desviando, como se os homossexuais não necessitassem de um trabalho destinado à sua (homo) sexualidade, e sendo esta uma conseqüência, às vezes, da própria falta de educação sexual.

É freqüente a pergunta: será necessária uma educação sexual?

O “exemplo” familiar, o cinema, a televisão e os bate-papos já se incumbem de educar ou de mal-educar. A tal ponto que seria melhor perguntar se não seria necessária uma deseducação sexual, uma destruição crítica de quase tudo aquilo que se pensa e se propaga a respeito. Para que pudesse surgir a possibilidade de uma educação sexual mais humana.

Esta destruição deveria incidir sobre os pressupostos reducionistas da sexualidade como genitalidade; a sexualidade como busca de prazer orgasmático; a sexualidade como instinto, a sexualidade como diferenciação pessoal.

Se a curiosidade infantil engasga os pais, é na adolescência, quando essas questões começam a ser vividas no corpo, mente e coração, que crescem a ansiedade e perplexidade a respeito do sexo.

No artigo "Beco Sem Saída? - A questão da sexualidade bate às portas da escola", da revista Dois Pontos, vemos que dessa confusão, em geral, não escapam as escolas, a quem muitos confiam, hoje, a espinhosa tarefa de tratar as mudanças de comportamento que marcam as passagens das cândidas perguntas para o riso envergonhado e a inibição silenciosa. É a idade das incertezas e descobertas que preparam o caminho da maturidade. A crise da razão e dos desejos na puberdade costuma trazer a reboque outra, dentro de casa.

Dificuldades de relacionamento; impasses de convivência começam a surgir com atritos entre idéias, na explosão das diferenças e amargas tentativas de acordo, delimitando as bases de uma nova intimidade. É justamente nesta fase dos esperáveis desencontros que a habilidade dos pais em exercer sua condição enfrenta uma prova de fogo: compreender e desenvolver seu verdadeiro papel em relação ao filho. É quando se dão conta que, em relação à sexualidade, têm muito o que aprender sobre como e o quê orientar no processo de crescimento.

O ensino brasileiro, é verdade, está longe de ter um projeto definido de educação sexual para o adolescente, sistematizando academicamente, em todos seus aspectos didático-pedagógicos. Geralmente, em amálgama de cursos e palestras extracurriculares, e atividades de classe é improvisado ao sabor das tendências e circunstâncias do momento - supostas inquietações "captadas" em sala de aula pelo professor, ou que vagueiam em conversas informais, muitas vezes até seguindo o que está em voga de discussão, podem inspirar a programação escolar.

Contudo, alguns setores da educação começam a dar sinais de um trabalho elaborado e coeso para a formação de um plano consistente no assunto. "O advento da AIDS e a abertura política e cultural trouxeram a sexualidade para dentro de casa e das salas de aula". (Pinheiro apud Um Beco Sem Saída?, p 24)

A implantação de programas de educação sexual em escolas é assunto polêmico, e poucas escolas conseguiram, até o momento, ter uma posição definida em relação à questão.

No artigo "A escola deve trabalhar com educação sexual?", da revista Dois Pontos, a sexóloga e supervisora do curso de formação de professores de educação sexual, da prefeitura de São Paulo, Marta Suplicy, sugere que:

(...) "um programa de orientação sexual deve ter uma metodologia aberta, que possibilite todas as visões sobre o assunto, pois o sexo desencadeia

processos e traz à tona valores profundos das pessoas.” (Suplicy apud “A escola deve trabalhar com educação sexual?”, p 27)

Ainda no mesmo artigo, o presidente da Comissão Nacional de Estudos sobre a adolescência - Nelson Vitiello - vai a favor da educação sexual nas escolas. Porém, segundo ele,

“(...) é preciso que determinemos o que vem a ser educação. Um modelo educacional coeso deve proporcionar o crescimento das forças, tornando-as melhores. Neste sentido, a educação sexual teria de ser encarada como um mecanismo de amadurecimento sexual, não como um mecanismo de adestramento que torne as pessoas repetidoras de nossas práticas sexuais, sobrecarregadas de tabus e preconceitos” (Vitiello apud “A escola deve trabalhar com educação sexual?”, p 28)

Por outro lado, Vitiello sabe que não é a escola, e sim, a família quem deveria tomar para si esta responsabilidade. Já que a família tem se mostrado incompetente para isso, a atitude da escola como educadora deve passar então por um amplo debate.

*Pereira* De que adianta que em uma escola, por exemplo, haja apenas um professor de educação sexual, se o aprendiz se sente reprimido durante todo o restante do tempo em que participa do período escolar?

Para que o modelo de educação sexual dê bons resultados é mister que todo o aparato que compreende a escola esteja pronto para esta prática. Assim sendo, é interessante formar não apenas professores, mas pessoas capazes de trabalhar a educação sexual.

E, por último, no mesmo artigo, o bispo do Rio de Janeiro e colaborador do Jornal do Brasil, Dom Marcos Barbosa, ressalta que “não vale a pena estudar, propriamente, num debate sobre educação em termos de a favor ou contra” (p 28).

Antes de ser pró ou contra a educação sexual, é preciso indagar de que educação se trata. Educação sexual tem suas implicações. Percebê-las e levá-las em conta é fundamental. Responder por cruzinha a uma alternativa insidiosamente forjada, entre certo ou errado, é cair levemente na cilada.

A matéria exige maior seriedade e atenção. Existe uma educação sexual como parte da educação. Não existe uma “disciplina” Educação Sexual. Em certos momentos, os problemas de sexo podem ser tratados em aula formal ou em curso com feição regular. Não sendo, porém, uma disciplina e não podendo ser tratada como disciplina, a educação sexual não constitui uma novidade que possa ser fixada em horário escolar menos ainda tem propósito pensá-la como disciplina obrigatória.

## CONCLUSÃO

Os itens abordados no capítulo anterior refletem o discurso presente nas revistas pedagógicas que circulam pelas mãos dos professores. Mas, até que ponto influenciam tais abordagens em suas práticas e com que frequência aparecem nestes periódicos?

Os artigos encontrados são de grande valor; trabalham a realidade dos jovens e das crianças, das relações sexuais, da educação, da família, da sexualidade, entre outros. Temas indispensáveis e cuja análise é feita com seriedade e comprometimento, visando ajudar a prática pedagógica dos professores-leitores, dando-lhes embasamento para tratar com as questões sobre sexo e sexualidade que, mesmo não inseridas no currículo escolar, possam surgir eventualmente em sala de aula.

O tema é amplo e o encontramos analisado em sua diversidade. Cada aspecto visto nos periódicos é de suma importância. E, juntos, os artigos oferecem um bom conteúdo teórico para o desenvolvimento de uma educação sexual razoável.

Porém, cabe lembrar que todas as revistas pesquisadas e o material encontrado foi proporcionalmente pouco. E praticamente todos apenas na revista Dois Pontos.

O que há por trás desse silêncio que caracteriza a postura das outras revistas pedagógicas com relação à educação sexual? Qual o motivo deste descomprometimento? A cada dia que passa torna-se mais importante que se fale do assunto sexo e sexualidade, para dar aos jovens e crianças informações e orientações corretas e que os ajudem nessa trajetória de seu desenvolvimento pessoal, que com o passar dos tempos está cada vez mais precoce e acelerada.

A educação tem que acompanhar este ritmo antes que seja tarde demais. Calar-se já não é uma opção, mas uma omissão. Cada espaço educacional que resolve não lidar com a sexualidade está cometendo um grave erro, diria até que um crime. Crime este que vai contra o desenvolvimento pleno e saudável do ser humano. Não dar às crianças e jovens a oportunidade de compreender melhor a si mesmo (e ao mundo que os cerca) e evitar o aparecimento de futuras complicações, é responsabilidade de todo e qualquer educador que um dia tenha optado por anular-se do papel de educador (também) sexual. Aquele que perde a oportunidade de "ajudar" seu aluno neste sentido, quando questionado por ele, está contribuindo para o surgimento de dúvidas e para a disseminação de falsas idéias.

Um dos motivos, talvez o mais forte, da omissão no discurso pedagógico em relação às questões sobre sexo e sexualidade, é a influência desenfreada de tabus sobre o tema em nossa sociedade. Falar de sexo nunca foi algo "visto com bons olhos". Sempre foi "indecente", "amoral", "vulgar"; nem mesmo entre casais o assunto costuma ser muito discutido.

Esta postura é um erro, pois como já vimos "a sexualidade é aprendida, formada, e, assim, passível de educação, podendo ser bem ou mal educada" ( ? ) *historicamente* Quem?

Passamos, então, para uma outra questão: não basta apenas falar sobre sexo e sexualidade. É imprescindível saber o que, como e quando falar; da mesma forma que é importante saber o que e como ouvir. Interpretar errado os alunos e as situações que eles apresentam pode causar problemas graves. Lidar com educação sexual é muito delicado, precisa estudo, compreensão; dentre muitas outras coisas que constituem a complexidade desta formação.

O trabalho com educação sexual deve ter início no curso de formação de professores de 1º grau, pois estes professores devem estar aptos para lidar com seus alunos e, para tanto, é necessário que iniciem compreendendo a si próprios. Qual sua posição em relação ao assunto, suas dúvidas como foi (e está sendo) o desenvolvimento de sua sexualidade (principalmente porque, na maioria, são adolescentes), quais problemas teve de enfrentar (e quais ainda não conseguiu superar), entre outras questões.

Desenvolver um auto-conhecimento em relação às questões “sexo e sexualidade” é o primeiro passo para que um professor crie habilidades para oferecer a seus alunos uma boa educação sexual. Depois, compreender os valores de sua sociedade, o desenvolvimento da sexualidade, e outras questões teóricas e práticas, farão parte do grande caminho para a formação do educador.

Mas se a maioria das revistas que circulam nas mãos destes professores nem sequer falam no assunto, como podemos iniciar tão longa jornada? O material disponível deve oferecer subsídios para que se comece a plantar as sementes desta, educação.

Que ela germine, cresça e possa dar frutos àqueles que tanto precisam deste alimento, deste saber. É um canal que deve ser utilizado da melhor forma possível, indo contra a força manipuladora dos meios de comunicação de massa, que agem geralmente em sentido contrário.

Os meios de comunicação, hoje, ou “proíbem” demais ou “permitem” demais, incentivando práticas impensadas e imediatistas com relação a sexo. As outras tantas revistas que circulam nas bancas de jornais e que são compradas também por estes professores, são adeptas da mesma prática.

Lembremos Darcy Raiça e Senira Fernandes: “A educação sexual pode ser uma alternativa minimizadora das angústias e dilemas (da adolescência), mas há o risco permanente de ela transformar-se em instrumento repressor da sexualidade e da opção consciente”(1985, p.18)

Os próprios jovens são a favor da educação sexual. Eles anseiam por orientação neste campo de vida. Até mesmo porque, muitas vezes, não conseguem receber nenhum apoio em casa. E quando a família se cala, o papel do professor torna-se ainda mais importante, procurando evitar que este jovem nos lugares errados, com as pessoas menos indicadas, ou sob a forma menos adequada. Os próprios pais têm preferido que o assunto seja discutido na escola, alegando não saber lidar com o tema.

O exemplo familiar, o cinema, a televisão, já se incumbem de educar. Ou de mal educar. A tal ponto que seria mais frutuoso perguntar se não seria necessário uma “deseducação sexual”,

uma destruição crítica de quase tudo aquilo que se pensa e se propaga a respeito. Para que pudesse surgir a possibilidade de uma educação sexual humana *verdadeiramente humana*.

Educação Sexual deve romper com o estigma do silêncio, conhecer as variantes do pensamento de crianças e adolescentes para conseguir superar de forma a se poder constituir em mediação efetiva na construção da sociedade.

A Educação Sexual sistemática deveria receber dispositivos legais a nível nacional, a partir da lei 5692/71 e incluir-se como pontos de obrigatoriedade no ensino do Programa de Saúde para os 1º. e 2º. graus de ensino (reivindicações sistemáticas do Bónfam). Todavia, como se sabe, o preconceito e o receio das instituições religiosas e culturais que indicam a família como detentora única do saber a respeito, em tempos de autoritarismo, impediram os legisladores de irem ao encontro dos propósitos de muitos, pelo menos garantindo informações úteis aos adolescentes. Hoje ela vem alicerçada pelas políticas de um currículo nacional preconizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - os PCNs.

**“A cada passo esbarramos com preconceitos e, ao menor sinal de transformação, de esclarecimento, encontramos resistência. E elas estão dentro de nós mesmos, educados numa cultura repressiva em que sexo não é um assunto tratado como outro qualquer. Daí a importância da educação sexual.” (Ribeiro, 1993, p. 15)**

## BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Lúcia - Gravidez x Evasão. Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, v.3, n.º 20, Verão 94/95
- BRANDÃO, Deisi - Médicos e Doentes. Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, vol.1, n.º 4, jul.1985
- FUCS, Gilda - Educação Sexual -Uma Transa Contra os Tabus. Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, v.1, n.º 4, jul 1985
- GIDDENS, Anthony. - "A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas". Anthony Giddens; tradução de Magda Lopes - São Paulo. Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1993
- HEINTSCHEL, Heitor - Os Grilos da Puberdade. Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, vol.1, n.º 4, jul 1995
- LIMA, L. L. G. - Confissão e Sexualidade - Sexualidades Brasileiras, Rio de Janeiro: Relume Dumará, ABIA: IMS/UERJ, 1996
- MACHADO, Nilton - Pais e Filhos Juntos. Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, vol.1, n.º 4, jul 1985
- PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.). Sexualidades Brasileiras - Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996
- PINTO, Leonel C. "Um Estudo Sobre Problemas da Juventude Contemporânea em Escolas de Fortaleza" - Revista Educação em Debate - Fort. V.3, n.º 3, p 73-90, 1979
- REIS, M. A. S. Escola de Tempo e Educação Integrals: Nexus e Sexus na (Re)Invenção da Escola Pública, ~~AMPED~~, Caxambu, outubro, 1997
- REIS, M. A. S. Falar de Sexo na Escola: Afinal, Quem Proibiu?, 4ª. Feira Latino-Americana de Alfabetização, UFPE, Recife, 28 de julho/1 de agosto, 1997
- SUPLICY, Marta; VITIELLO, Nelson & BARBOSA, Dom Marcos. A Escola deve Trabalhar com Educação Sexual? Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, vol.2, n.º 10, dez 1989

VASCONCELOS, Naumi - Sexualidade e Educação. Dois Pontos - Teoria e Prática em Educação, Esplanada dos Ministérios - MEC - DF, vol. 1, n.º 4, 1985 .